

## **CICLO ECONÔMICO E A RECUPERAÇÃO**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Folha de S. Paulo*, 30.10.1984

Em 1984 estamos assistindo a uma clara contradição entre o comportamento do setor real da economia, em expansão desde o início do ano, e a política econômica, que é cada vez mais recessiva em função das metas rigorosas estabelecidas pelo FMI.

A recuperação da economia continua a ocorrer. O nível de emprego na indústria de São Paulo cresce lento, mas firmemente. O IBGE anuncia taxas decrescentes de desemprego. Além das indústrias voltadas para a exportação, também as indústrias orientadas para o mercado interno começam a crescer. A massa salarial, que entrara em declínio violento a partir de 1983, vem crescendo sistematicamente e já superou seus níveis iniciais. As vendas a varejo, embora ainda se apresentem negativas na comparação do acumulado janeiro a agosto contra igual período de 1983, nos dois últimos meses já apresentou evolução positiva em relação aos meses correspondentes do ano passado. O crescimento de 3 a 4% do PIB previsto IBGE parece, portanto, uma possibilidade concreta para 1984.

Em contrapartida, a política econômica é cada vez mais restritiva. A política fiscal vem sendo extraordinariamente austera. O déficit público operacional (necessidades de financiamento do setor público desconsiderada a correção monetária) que, em cruzeiros de 1984, foi de mais de 10 trilhões de cruzeiros em 1983 (2,7% do PIB), em 1984 transformar-se-á em um superávit de mais de 3 trilhões de cruzeiros (0,5% do PIB). E a política monetária continua também fortemente restritiva, já que a oferta de moeda cresceu cerca de 149,9% nos últimos 12 meses contra uma inflação no mesmo período de 212,9%. No último mês, o aumento do recolhimento compulsório sobre os depósitos a prazo obrigou os bancos a aumentar suas taxas de juros de captação para fazer caixa e ao mesmo tempo a aumentar suas taxas de aplicação, de forma que os juros reais hoje são

superiores a 40% ao ano, o que inviabiliza qualquer investimento com base em financiamento.

Temos, portanto, uma autentica “briga” entre o setor real da economia, que quer crescer, e a política econômica, que busca impedir o crescimento em nome de uma equivocada estratégia de combate à inflação. Briga em que o setor real está vencendo e deverá continuar a vencer não obstante os obstáculos criados pela política econômica.

No início do ano, quando foi detectada a recuperação da economia, reconheci o fato, mas pareceu-me que seu fôlego seria curto devido à força da política econômica. A violência das medidas tomadas em setembro último para conter a expansão de base monetária pareciam confirmar esse pessimismo.

Entretanto, embora essas medidas estejam de fato reduzindo o vigor da recuperação, vai ficando cada vez mais claro que não serão capazes de impedi-la.

A razão para isto está em duas considerações. Primeiro, é necessário lembrar, uma economia capitalista desenvolve-se através de ciclos nos quais as recessões têm o papel de queimar capitais e assim purgar a economia, ou seja, ajustá-la externa e internamente, de forma a eliminar as distorções dos mais variados tipos.

Segundo, é preciso admitir que a recessão ocorrida no Brasil entre 1981 e 1983, ainda que desnecessariamente violenta, já cumpriu seu papel de purgar a economia brasileira, eliminando suas principais distorções. O déficit comercial transformou-se em um enorme superávit, o déficit público também transformou-se em superávit público, os preços relativos foram colocados razoavelmente de acordo com a lei do valor, a produtividade das empresas cresceu consideravelmente, os investimentos substituidores de importações do II PND maturaram, e a produção de petróleo cresceu extraordinariamente. Em síntese, a economia brasileira ajustou-se.

Ora, se isto é verdade, a dinâmica cíclica do desenvolvimento capitalista aponta desde o início do ano na direção de expansão. A política econômica em curso é uma tentativa de manter a economia brasileira artificialmente em recessão. Uma tentativa que provavelmente não terá êxito não apenas porque dentro de alguns meses deverá haver importantes mudanças na política econômica, em função da provável eleição de Tancredo

Neves, mas principalmente porque imaginar que a política econômica é mais forte do que a lógica cíclica do capitalismo é uma velha ilusão tecnoburocrática. A política econômica pode adiar e principalmente pode arrefecer a recuperação, quando a recessão já cumpriu seu papel, mas não pode impedi-la.(30/10)